

O Coração das Trevas, de Joseph Conrad: reflexões sobre a visão do colonizador

Maria Gabriella Alves de Faria
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Brasil

Conrad, Joseph. *O coração das trevas*. São Paulo: Iluminuras, 2002.
192 páginas. ISBN: 85-7321-169-5

Em *O Coração das Trevas*, escrito em 1899, temos uma odisséia pelo horror do colonialismo ocidental, perpassando os piores demônios da barbárie e da maldade humana. É em meio ao Congo Belga que o ordinário marinheiro Charlie Marlow, o qual trabalhava para uma Companhia de interesses coloniais, vive a grande experiência de sua vida. Diante de ordens recebidas pela Companhia, Marlow adentra a selva congoleza com uma tripulação de africanos e europeus em um barco a vapor para encontrar o misterioso Kurtz, um agente colonial incomparável em sua habilidade de coletar marfim e que, segundo rumores, estava muito doente e precisava ser levado de volta à Europa. À medida que a tripulação se aprofunda na selva, podemos acompanhar o fluxo de consciência de Marlow ao narrar os acontecimentos, percebendo que não se trata somente de uma viagem ao coração das trevas do Congo Belga, mas também ao coração das trevas da psique humana, onde o psicológico dos marinheiros é profundamente afetado pelas experiências que vivenciam.

O Coração das Trevas foi escrito pelo anglo-polonês Joseph Conrad, sendo uma obra quase que biográfica de sua vida, dado o fato de que o próprio Conrad navegou anos como marinheiro, vivenciando alguns dos horrores que Marlow relata com o mais íntimo de sua consciência. Por isso, a obra se faz muito interessante para uma reflexão sociológica, uma vez que foi escrita durante o momento de colonização da África, trazendo para dentro de suas páginas muito das concepções, reflexões e detalhes daquela época, como a vida dos marinheiros e os efeitos do colonialismo nos próprios europeus. Além disso, *O Coração das*

Trevas nos traz à tona um importante questionamento depois que lemos sobre toda a barbárie do imperialismo europeu: quem é o verdadeiro selvagem?

Por conseguinte, para que essa reflexão sociológica seja feita, é importante que posamos enxergar os elementos sociais de *O Coração das Trevas* as relações que produzem com os elementos literários. De acordo com Vasconcelos (133), "o tratamento por Conrad da alteridade radical da vida colonial, da exploração e do sofrimento coloniais resultou na ampliação dos horizontes do romance e na incorporação de novos tipos de experiência a ele". Assim, o autor, unindo tanto os elementos sociais de sua época como também aqueles que vivenciou, contesta os motivos do colonialismo no auge do período imperialista. Conrad atribui multiplicidades e incoerências à realidade, criando uma fragmentação da consciência de Marlow a partir dos elementos sociais de sua época. Ou seja, ao mesmo tempo que não defende o colonialismo e se solidariza com os colonizados, não consegue se distanciar dos preconceitos de sua época.

Ao contestar os princípios e motivos da colonização, Vasconcelos (135) afirma que "Marlow parece entrever que a racionalidade da ordem capitalista, que pretende justificar a sujeição de outras terras e povos, não oculta seus aspectos mais irracionais e suas consequências fatais para todos." Porém, essa conscientização de Marlow parece ser consolidada a partir do encontro com Kurtz, o qual possui uma caracterização um tanto simbólica e misteriosa. Nesse sentido, Kurtz representa a ganância europeia desenfreada, a qual é doentia e imunda, que leva o próprio personagem a um estado doentio. Pode-se dizer até mesmo que Kurtz possui o coração das trevas dentro de si, evocado pelo colonialismo e pela imoralidade. Ao fim do romance, não é a toa que as últimas palavras do personagem são icônicas: *O horror! O horror!*

É nesse momento que Marlow se vê dividido, enxergando a si mesmo como um possível Kurtz no futuro. Sua tomada de consciência se dá a partir do momento que contempla os efeitos do abismo, da imoralidade e da barbárie presentes em Kurtz. De acordo com Ian Watt, citado por Vasconcelos (131), Conrad utiliza-se de uma técnica narrativa

chamada “delayed decoding” (decodificação diferida), em que “a narração se alonga, retarda explicações, envolve cenas em denso nevoeiro, joga sombras sobre seus personagens, dilui contornos, apaga referências, quer-se indecifrável.” É a partir dessa escrita impressionista e pouco exata que a odisséia de Marlow pelo Congo Belga é retratada, bem como seu encontro simbólico com Kurtz, pois o fluxo de consciência do marinheiro é a própria história e também objeto dela. Mesmo que a realidade se torne inexata nesse tipo de narrativa, seus elementos sociológicos se fazem presentes mais do que nunca por esse mesmo motivo. Ao acompanharmos Marlow e suas descrições pessoais e impressionistas, contemplamos o ápice de seu momento histórico.

Além disso, outro ponto a se comentar seriam os traços anti-imperialistas de *O Coração das Trevas*. Como foi dito anteriormente, a escrita de Conrad, refletida nas concepções de Marlow, apresenta uma série de sentenças preconceituosas ou de descrições simplistas e inferiorizadas de outros povos, mesmo que haja a contestação do colonialismo. Em um dos trechos mais citados da obra, podemos ver isso claramente, a ideia da superioridade branca, pois estariam em um estágio “mais avançado” de civilidade e humanidade:

Era irreal, e os homens eram... Não, eles não eram inumanos. Bem, vocês sabem, isso era o pior de tudo – essa suspeita de eles não serem inumanos. [...] Mas o que apavorava era exatamente a ideia de humanidade deles – como a sua –, a ideia de seu parentesco remoto com essa gritaria selvagem e impetuosa. (Conrad 57)

A partir disso, Moratelli utiliza-se dos estudos de Edward Said para argumentar sobre a posição imperialista e anti-imperialista da figura de Conrad, afirmando que o autor foi incapaz de concluir que a colonização teria de terminar para que os colonizados pudessem ter uma vida livre da dominação europeia. Como indivíduo inserido em um dado momento histórico, Conrad não conseguia admitir a liberdade para esses povos e também não

reconhecia o racismo como ponto central do imperialismo. Pode-se entender que isso acontece porque, segundo Antonio Candido (21), em *Literatura e Sociedade*, “a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais.” E esses fatores sociais não são colocados intencionalmente pelo autor, mas se interiorizam à medida que a obra trata do exterior, da realidade – ou da percepção que se faz dela, o que seria mais o caso de *O Coração das Trevas*.

Portanto, as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais da época de Conrad o permitem questionar o colonialismo, mas ainda não o permitem se conscientizar por completo das problemáticas dos povos postos como subalternos à colonização europeia. Por outro lado, sua literatura ainda se faz grandiosa e nos permite retomar a mesma questão de antes e até complementá-la: depois de tanta barbárie e imoralidades acometidas pelos objetivos colonialistas, não seria o europeu o verdadeiro selvagem?

Referências

- Moratelli, L. P. (2020). “O Coração das Trevas: Imperialismo, alteridade e a crítica romântica na obra de Joseph Conrad”. *Epígrafe*, 8(8), 46-64. <https://doi.org/10.11606/issn.2318-8855.v8i8p46-64>
- Conrad, Joseph. *O coração das trevas*. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- Vasconcelos, S. G. (2019). Catástrofe e sobrevivência em Heart of Darkness. *Literatura E Sociedade*, 24(30), 127-139. <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i30p127-139>
- Candido, Antonio. *Sociedade e Literatura*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.